

SEM CRISE DE IDENTIDADE

157

Fernando Henrique Cardoso decidiu assumir, sem crise, sua dupla identidade: a de candidato e a de presidente da República. Como candidato à reeleição, seu comitê eleitoral anunciou que ele vai continuar fazendo campanha como se a crise financeira internacional que ontem voltou a derrubar as bolsas do mundo simplesmente não existisse. Mas como presidente, Fernando Henrique resolveu dar o troco ao adversário petista, Luiz Inácio Lula da Silva, que no dia anterior o acusou de esconder a dimensão da crise e sugeriu a demissão da equipe econômica do governo "por incompetência".

Sem se referir diretamente a Lula, o presidente condenou os que "transformam falsos problemas em problemas, os que fazem acusações levianas em momentos delicados e até quase torcem pela catástrofe". Foi a mais forte reação do presidente contra os opositores que incluem o Brasil entre os países com a economia seriamente ameaçada pela crise internacional.

"O gigante está andando e não vai parar", disse o presidente. Ele procurou tranquilizar a população e os investidores sobre o futuro do país, ao discursar no Palácio do Planalto em solenidade de assinatura do acordo do mercado atacadista de energia elétrica.

"Faço um apelo para lhes pedir que renovem o seu entusiasmo pelas possibilidades do Brasil no setor elétrico, que é fundamental para os novos passos que o País vai percorrer", afirmou Fernando Henrique. "Façam-no com a consciência tranqüila, firme, sabedores todos das dificuldades, mas também com muita crença."

O presidente também foi taxativo, ao fazer um apelo pela união, so-

bretudo aos setores políticos — incluindo os aliados — "que, às vezes, se engalfinham a troco de nada". E justificou: "Se nós não nos unirmos internamente, será mais difícil enfrentar essas procelas que esse mundo novo nos apresenta".

Mais do que nunca, segundo Fernando Henrique, o momento exige generosidade. "Quem não tem generosidade, quem não vê grande caminho a passos pequenos e tomba logo", afirmou. "O passo é firme e simboliza bem essa vontade brasileira de ir para a frente."

Para o presidente, a atitude negativa parte de quem não acredita na potencialidade do país, "de quem continua olhando pelo retrovisor e só prevê tempestades que, no passado, nos afundaria". "Hoje, não, podemos olhar com confiança para o futuro", assegurou. Ele voltou a dizer, como fez sábado passado, em Salvador, que a situação nacional não pode ser vista separadamente, e sim como um reflexo das dificuldades enfrentadas por outros países, "das turbulências que vêm de fora".

"Não é segredo para ninguém que o mundo está numa época de dificuldades", lembrou. "Não é o Brasil, não, mas nós temos condições de reagir com tranqüilidade, com firmeza, com energia." De acordo com o presidente, é preciso entender que o mundo globalizado é um mundo de riscos, insistindo que "tem oportunidades, mas também tem riscos".

CRISE? QUE CRISE?

Enquanto no Palácio do Planalto o presidente Fernando Henrique endurecia o discurso, no comitê eleitoral do candidato tucano a estratégia era justamente a oposta: ignorar a crise financeira internacio-

Beto Barata/Photo Agência



Fernando Henrique, com o empresário Antônio Ermírio de Moraes (E), no Palácio do Planalto: duras críticas a Lula

nal na campanha pela reeleição. A estratégia do comitê é tratar a crise como uma "questão puramente de governo" e manter o candidato Fernando Henrique longe de problemas que, em tese, dizem respeito somente ao presidente.

"Temos certeza de que Fernando Henrique Cardoso vai vencer, seja no primeiro ou no segundo turno", afirmou o coordenador político da cam-

panha, Euclides Scalco, em mais um dia marcado pela queda generalizada das bolsas de valores no mundo.

Mesmo assim, Scalco insistiu insistiu que o programa de governo — a ser anunciado por Fernando Henrique na próxima quinta-feira — levou em conta um cenário de crise. "O programa de governo foi feito, desde o começo, levando em consideração a possibilidade de desdobramentos

da crise que atingiu as bolsas no ano passado; por isso, trabalhamos em caminhos factíveis", afirmou.

O coordenador político aproveitou para criticar, mais uma vez, a proposta de criação de empregos para os próximos quatro anos anunciada pelo candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. "Não temos propostas irreais, como a criação de 15 milhões de empregos", afirmou.